

O PROMETEU

Quarta-feira, 06 de junho de 2018

Diretor: Elsa Silva Morais

Tradição e Educação, uma aliança possível

Pág. 2/3



Destaque

Projetos de integração juntos na mudança de mentalidades

Pág. 3

Entrevista

Vanessa Matos: “O errado é fazerem do singular, um plural”

Pág. 4/5/6

Comunidades Ciganas: a caminhada para a integração escolar

Henrique Ferreira
Mafalda Souto
Sofia Moreira



Projeto Geração Tecla E6G

Na cidade de Braga, existem cinco comunidades ciganas. Espalhadas pelas várias zonas do concelho, são um dos grupos sociais com mais problemas na integração escolar das suas crianças. No entanto, o panorama tem vindo a alterar-se e existem cada vez mais casos em que jovens quebram os estereótipos associados à sua etnia.

Vanessa Matos é a primeira estudante de etnia cigana a ingressar no ensino superior. Com 23 anos de idade, está matriculada no curso de Educação da Universidade do Minho, que escolheu “para poder continuar a trabalhar com jovens e crianças”. Vanessa é uma das monitoras do Geração Tecla E6G e há seis anos que veste a camisola deste projeto para mostrar à

sua comunidade as mais valias da educação. Começou por, todos os dias, ir acordar as crianças porta a porta para verificar se iam ou não à escola. Hoje, o “Despertador ao Domicílio” já não existe, algo que, para Vanessa, é sinónimo de evolução. “O objetivo do trabalho na área social é que hoje seja necessário, mas que a longo prazo termine, significa que as coisas estão a ficar encaminhadas”, afirma a monitora.

É no meio dos prédios esverdeados do bairro de Santa Tecla que se situa a sede do Projeto Geração Tecla E6G. É por lá que, no fim das aulas, passam dezenas de crianças ciganas. Técnicas, apoiadas por alguns voluntários, ajudam-nas a estudar e orientam as suas brin-

cadeiras para que, a pouco e pouco, deixem de lado os maus hábitos escolares. “O absentismo ainda existe, mas tem vindo a diminuir”, afirma Carina Silva, psicóloga e monitora no projeto. Resultados escolares insuficientes, pouca pontualidade e mau comportamento são algumas das características associadas às crianças desta etnia. Segundo Carina, o problema não está apenas na comunidade, afirmando que é “necessária uma reformulação dos métodos de ensino” para uma melhor integração das crianças e jovens ciganos.

Projetos de integração juntos na mudança de mentalidades

De Norte a Sul do país, multiplicam-se os proje-

tos de apoio à integração escolar da comunidade cigana. Só no distrito de Braga, existem mais cinco projetos semelhantes ao Geração Tecla. Juntos, pretendem “mudar mentalidades”, tal como refere Carina Silva, orientando-as para a inclusão social das minorias.

Financiado pelo programa Escolhas, o projeto que abraçou a população do bairro de Santa Tecla, é uma iniciativa da delegação de Braga da Cruz Vermelha Portuguesa. Fazer a ponte entre as crianças, a comunidade e as escolas é o principal objetivo do projeto Geração Tecla E6G. “Mais do que mudar as mentalidades dos jovens, é importante alterar a consciência dos pais”, explica a psicóloga, que trabalha neste projeto há 8

anos. Este programa apoia jovens dos 6 aos 30 anos, mas tem uma maior incidência nos adolescente até 17 anos.

Escola: obrigação ou aprendizagem?

A inclusão social da etnia cigana em Portugal passa em grande parte pela atuação dos órgãos governativos. O Estado Português procura criar condições à integração social da comunidade cigana. A providência de habitações em bairros sociais, os diversos programas de inclusão e a atribuição de rendimentos sociais são algumas das medidas que o Estado tem utilizado para apoiar esta minoria. Como forma de garantir a presença das crianças e jovens ciganos nas atividades escolares, o governo colocou como contrapartida para a atribuição de subsídios a inscrição obrigatória nas escolas. No entanto, segundo Vanessa Matos, esta obrigatoriedade não implica a total assiduidade dos alunos ciganos.

A meio da tarde, durante o horário escolar, numa das esquinas do bairro Santa Tecla, estão algumas crianças pequenas a vender uma variedade de artigos, mostrando que já sabem negociar como ‘gente grande’, ao chamarem por quem passa na rua. A venda ambulante é ainda uma das principais ocupações dos membros da comunidade cigana. Vanessa conta que as crianças acompanham os pais nesta atividade desde muito cedo, deixando a escola para segundo plano.

O outro lado da moeda: o que dizem os professores?

R. Fátima Rodrigues, professora do ensino primário há mais de 20 anos, já percorreu várias escolas da zona Norte. Trofa, Esmeriz e São Miguel foram alguns dos lugares onde a professora esteve em contacto com alunos de etnia cigana. Na sua opinião, “os encarregados de educação não dão valor à escola”, assumindo-a como algo imposto pelos rendimentos de ação social.

“Trabalhar só com a etnia cigana é muito desgastante para um professor, não podemos esperar grande sucesso. Há miúdos com oito ou dez anos que não sabem ler e continuam no nível do

primeiro ano”, afirma Fátima. Na sala do segundo ano da escola EB 1 de Esmeriz, onde leciona atualmente, conta que o principal desafio que o aluno cigano enfrenta “é fazer amigos sem ter vergonha da sua etnia, integrando-se e atingindo o sucesso escolar”.

Discriminação como forma de motivação

Para os jovens ciganos, a discriminação é também um desafio que se impõe como fator crucial para a continuação dos seus estudos. Sentado na escadaria da sede do Projeto Geração Tecla, Manuel (nome fictício) revela a razão pela qual não conseguiu completar o 12º ano de escolaridade. “Faltavam três semanas para terminar o meu estágio e o acumular de meses de comentários racistas levaram-me a desistir dos estudos. Não aguentei mais a discriminação.”, desabafa o jovem cigano de 23 anos.

Também Vanessa Matos tem várias situações de racismo na memória. Ingressou na Universidade do Minho há cerca de um ano e no primeiro dia de aulas foi alvo de comentários discriminatórios por parte de um dos seus professores. Com estas situações, Vanessa sente que tem cada vez mais força de vontade para lutar por uma sociedade mais igualitária.

Vanessa é apenas uma dos 32 jovens ciganos matriculados, atualmente, no Ensino Superior português, segundo os dados do Programa Operacional para a Promoção da Educação (OPRE). A estes estudantes é atribuída uma bolsa de estudos de 1500€ anuais, “que visa ajudar a evitar o abandono precoce deste ciclo de estudos”.

O projeto Geração Tecla E6G promete continuar a lutar para uma maior inclusão académica dos jovens do bairro. Segundo Carina Silva, “o objetivo é que surjam cada vez mais ‘Vanessas’ na comunidade cigana, eu sei que existem, precisam apenas das oportunidades certas na vida”.

Entrevista a Vanessa Matos

“Não podemos mudar o mundo, mas podemos mudar o mundo de muita gente”

Sofia Moreira
Mafalda Souto
Henrique Ferreira

Atualmente, Vanessa é a única cigana bracarense na Universidade e tem o sonho de continuar o seu trabalho na área da ação social.

P. Qual a primeira impressão que as pessoas têm de ti?

R. Sou uma cidadã portuguesa, da cultura cigana. Antes de ser cigana, sou portuguesa. As pessoas da sociedade maioritária, às vezes, pensam: "uma cigana? 23 anos? A estudar? Com o 12º ano? A trabalhar? Não está casada? É cigana porque lhe está no sangue, não deve seguir as tradições." É mentira! O que eu tive foi uma educação espetacular.

P. Quem da tua família impulsionou essa ambição de estudar?

R. Tenho um avô e um pai espetaculares que sempre me incentivaram ao estudo. Mas se ser cigana significa estar comprometida muito nova, como eu estive. Se ser cigana é ter de abandonar a escola, eu abandonei. Depois, acabei por voltar.

P. Como voltaste?

R. Fiz o ensino regular até ao 6º ano. Quando, com 10 anos, chegou a altura de ir para o 2º ciclo, a minha avó não achou piada nenhuma e, por ela, eu não iria. Tinha medo de que eu me apaixonasse por um não cigano e perdesse a virgindade, numa escola diferente. Foi falar com o meu avô e disse: "A meninaá tem de sair da escola porque a irmã dela casou e ela tem de estar em casa a aprender a fazer as coisas". Fiquei em



Vanessa Matos

casa 2 anos.

P. Durante esse tempo em que não estudaste, quais eram as tuas ocupações?

R. Limpar a casa, fazer o jantar para quando os tios e os avós viessem da feira, ficava com os meus primos para os levar à escola. Era assim, tinha que ser. Foi dos 12 aos 14/15 anos. Naquela altura fomos muitos a sair da escola, então, surgiu a ideia de trazerem a escola até nós.

P. De que forma é que a escola “foi até vós”?

R. Eles propuseram às nossas famílias fazerem um PIEF

(Programa Integrado de Educação e Formação), que é um currículo alternativo. A ideia era alugar uma sala e só para ciganos. Portanto, de cigano para cigano não haveria problema, porque mesmo

que eu me apaixonasse, os rapazes não iam incentivar as meninas a terem relações sexuais. Eles sabem que nós temos de ir virgens para o casamento.

P.E dessa forma, a tua família aceitou mais facilmente os estudos?

R. Sim. Os nossos pais então pensaram que não têm nada a perder, a escola era bem perto de casa, era só subir o bairro e deixaram-nos ir. Tínhamos de começar por algum lado. Se não fosse este programa, hoje não estaria aqui a trabalhar.

P. Então foi através do PIEF que integraste o Projeto Geração Tecla E6G?

R. Sim. O projeto Geração Tecla já existe no terreno há 9 anos, comecei como participante nas atividades, como o "Colorir o Sábado". O diretor

daquela altura é hoje o atual adjunto executivo da Cruz Vermelha. O David é aquela pessoa que insiste, persiste e consegue. Ele muitas vezes vinha ter comigo e dizia

"Vanessa, que idade tens? 16? Já podias começar a fazer voluntariado". A minha resposta era sempre "não tenho tempo para arrumar a minha casa, vou trabalhar para ti".

“Sou uma cidadã portuguesa, da cultura cigana”

Vanessa Matos, ativista “em missão”

Vanessa Matos é uma cidadã portuguesa da etnia cigana, como gosta de se identificar. Tem 23 anos, trabalha como monitora do Projeto Geração Tecla e estuda Educação na Universidade do Minho (UM), sendo a primeira pessoa da comunidade cigana do distrito de Braga a frequentar o ensino superior, bem como a primeira estudante desta etnia a frequentar a UM.

Apesar de sempre incentivada, pelo seu avô, para continuar a estudar, nem sempre o seu percurso escolar foi fácil. Foi com grande tristeza que Vanessa abandonou os estudos aos 12 anos para aprender a fazer as lides da casa, tendo-os retomado dois anos depois com um currículo alternativo, o PIEF.

Com uma grande vontade de ajudar a sua comunidade, Vanessa começou a fazer voluntariado para a Juventude Cruz Vermelha. Há seis anos, começou a fazer voluntariado para o Projeto Geração Tecla, tendo sido convidada para trabalhar como dinamizadora comunitária enquanto completava o ensino secundário como Técnica Auxiliar de Saúde.

A estudante coloca a família em primeiro lugar, sendo o seu avô o seu maior pilar. Determinada, Vanessa quer continuar a trabalhar na área social e sonha com o dia em que um cigano estudar seja considerado normal.

P. Mas acabou por te convencer?

R. Sim. Ele insistiu comigo durante 2 anos até que me convenceu a fazer voluntariado em atividades pontuais. No verão, quando tínhamos atividades lúdicas com as crianças, eu acompanhava. Quando fiz a formação básica institucional ganhei um amor a esta casa. Comecei a fazer voluntariado regularmente e depois fui convidada, em janeiro de 2013, para vir trabalhar como dinamizadora comunitária, já a ser remunerada.

P. A tua família aceitou bem esta mudança?

R. Eu disse logo que sim, mas tinha de falar com a minha família primeiro e eles ficaram muito contentes e orgulhosos. Agarrei esta função de unhas e dentes, desde o início. Estive 3 anos como dinamizadora comunitária.

R. Gostaste de o fazer?

R. A minha vida durante esses 3 anos foi de loucos. Estava a trabalhar, a estudar, ia fazer formações para Lisboa, todas as semanas fazia portfólios para a minha superiora saber de todo o meu trabalho aqui, em Santa Tecla. Foi muito enriquecedor para mim.

P. Em que sentido?

R. Quando vim para cá, nem um "olá" escrevia sozinha e hoje brinco com a escrita. Esta evolução, em 6 ou 7 anos, às vezes, deixa-me parva. Há 7 anos não me imaginaria à vossa frente, a falar convosco. Não me imaginaria em cima de um palco, a falar para imensas pessoas. Mas capacitaram-me para estar cá hoje. Às vezes, quando vou dar formações para professores e técnicos, dizem-me: "Quem me dera que a nossa cidade tivesse uma Vanessa."

P. E acreditas que existem mais jovens com a mesma ambição que tu? Mais "Vanessas"?

R. Existem muitas "Vanessas", a nível nacional. Quando vim para o projeto, não sabia falar como falo hoje, não sa-

bia escrever como escrevo hoje, mas tive uma equipa espetacular que me ajudou a crescer. A educação que nos dão em casa e toda a nossa vida familiar também ajuda, mas a base principal para termos um bom futuro é a educação. Por isso, sim, há estes jovens, estas "Vanessas". Apanhem-nos, capacitem-nos e mandem-nos para o mercado de trabalho.

P. E depois de todo este percurso, como surgiu a ideia de prosseguir estudos no Ensino Superior?

Houve a novidade e a vontade de ir para a universidade. O meu avô ficou todo contente. Na altura, os meus tios ficaram com receio, não queriam que eu fosse e meter medo ao meu avô.

P. Quais foram os obstáculos impostos pelos teus tios?

R. O meu avô estava todo contente e orgulhoso e os meus tios disseram-lhe "não, tio, a universidade não é para as mulheres, muito menos para as ciganas." Há esta conotação de que a universidade é só bebedeiras, borga e não é só isso. Nós podemos fazer da universidade uma escola normal, vais para as aulas e vais para casa. Não precisas de participar em mais nada. Eles acabaram por entender e até já me levaram à universidade uma vez. Foi a maior alegria porque até ali tinha feito o percurso sozinha. E saber que eles, para o ano, me querem comprar o traje é um orgulho.

R. E para ti, a vida académica de "casa-aulas, aulas-casa" é a ideal?

P. Gostaria muito de participar na praxe pela adrenalina, mas não sei se ia achar piada se estivesse

lá, queria experimentar. Costumo dizer que, tanto eu, como os 32 ciganos que deram o nome pela causa e que tão na universidade este ano, estamos em missão.

P. Qual é a vossa missão?

R. Temos de mostrar aos outros pais que podem deixar os filhos irem para a universidade, pode-se fazer daquilo uma escola normal. A nossa missão é dar o exemplo.

P. Falas muito do teu avô. De que forma é que ele marcou o teu crescimento?

R. Este amor pela escola veio sempre dele. Somos 20 netos e recordo-me que, aos domingos, era dia de almoçar em casa do avô. Enquanto as mulheres arrumavam e os homens iam para o café, o avô sentava-se conosco no chão e contava-nos a vida dele. Ele dizia-nos "filhos, quando vocês forem grandes, a feira não vai dar. Estudem. O que é que vocês querem ser quando forem grandes?".

P. A tua família apoiou-te nos teus estudos e no teu trabalho. E a restante comunidade?

R. Na altura que comecei a trabalhar, recebi muitas críticas, não da sociedade maioritária, mas da comunidade cigana de Santa Tecla. Até pensei em desistir porque saía de casa e a fofoca do bairro era eu. Cheguei a confessá-lo ao meu avô, mas, mais uma vez, ele disse "filha, vais ligar à dor de cotovelo dos outros?". Hoje consigo perceber que não era dor de cotovelo, mas sim medo de perderem uma cigana para a sociedade maioritária. Enganaram-se. Cada vez mais tenho vontade de me afirmar cigana porque, estando nos dois mundos, consigo ver também a separação que existe.

P. O que achas que tem de mudar para corrigir essa separação?

R. Não tem de ser só a sociedade

tas, mas nós também temos de nos integrar. É das duas partes. Não tenho escrito na testa que sou cigana, mas se me perguntarem, também não escondo.

P. E na Universidade, também sentiste esta vontade de te afirmar?

Sempre. Quando cheguei à universidade, no 2º semestre, era estranha para todos. A primeira turma foi difícil, tinha ali duas pessoas que me chateavam o juízo.

P. Lembras-te de algum dos comentários?

Não eram comentários racistas porque isso eu não permitia. Mas havia uma miúda, por exemplo, que me mandava calar constantemente ou me olhava de lado. Eu percebia que ela estava a falar de mim com os outros. Bastou fixar um olhar ameaçador nela durante 5 minutos e, depois disso, nunca mais disse nada.

P. E por parte dos professores? Sentiste-te julgada, de alguma forma?

No primeiro dia de aulas, houve um comentário de um professor. Ao tentar alterar os horários, o professor disse "não sou eu que vos vou dar a aula prática, isto está uma confusão porque a minha colega foi trabalhar com ciganos e agora os ciganos somos nós." Apeteci-me responder-lhe que a única cigana naquela sala era eu, mas para estar a comprar uma guerra, não valia a pena.

P. Sentes que, agora, a comunidade aceita melhor a tua ingressão no Ensino Superior?

R. Sim. As mães começaram a perceber que eu estudei e consegui um trabalho e que os filhos delas também podiam estudar e conseguir um trabalho. Durante uma Assembleia de Jovens com as crianças, a Virgínia, uma das colaboradoras do projeto, perguntou-lhes o que querias ser quando fosses grandes e houve um miúdo que levian-

tou a mão e disse "eu quero ser como a Vanessa, quero trabalhar e estudar". Ouvir estas coisas é gratificante.

P. Sabemos que estudas Educação. Escolheste esta área com o intuito de continuar a trabalhar na área social?

R. Se tudo correr bem, sim. Trabalhar na área social não é fácil porque, enquanto que nas engenharias trabalhamos agora e vemos o produto final, na área social não é assim. Trabalhas hoje para ver frutos a médio e longo prazo. De todo o trabalho que temos feito, com estas 120 crianças, se 20 delas levarem um percurso alternativo, para nós, já é muito bom.

P. Ao longo destes 8 anos, já notas uma diferença na vontade de estudar dos jovens ciganos?

Sim. No ano passado criamos o Grupo de Jovens Ativos que existe para os educar acerca da nossa história e costumes, porque não existe só uma comunidade cigana, existem várias. Estamos com um grupo de 18 ou 20 jovens que até já dão formações sobre a nossa história a técnicos. Estes jovens já acreditam que a mudança é possível.

P. Qual a mudança mais evidente que se tem notado nos últimos anos?

R. No início, tínhamos muito absentismo escolar. Em Santa Tecla, havia 12 jovens no 2º ciclo e agora temos 60. Portanto, já estamos a começar a colher os frutos, apesar de ainda haver muito absentismo e de ainda não valorizarem a escola como deveriam. Mas já estão lá. Há professores que dizem que há 5 anos não havia tantos problemas. Pois não, por-

que só estavam nas escolas 7 ou 8 alunos ciganos, agora são 60, é claro que tem de haver problemas.

R. De que tipo de problemas estás a falar?

Na escola, fala-se sobre a história de Portugal. Mas Portugal também tem ciganos portugueses. Porque é que não se fala da nossa história? Isso constitui um problema. As crianças não nascem racistas, não têm maldade. Isto parte da nossa educação em casa. Se a criança não come a sopa, "chama-se o cigano para a levar". Nós ciganos, fazemos isso com a polícia. Está errado, porque ficam com medo da polícia e dos ciganos. Agora já começam a falar da nossa história. Os livros de Estudo do Meio do 1º ciclo já fala um pouco dos ciganos, mas não o suficiente.

P. O que tem de mudar em casa?

R. A educação. Não somos obrigados a gostar de todos, existem ciganos bons e ciganos maus, como existem na sociedade maioritária pessoas boas e pessoas más. Existe de tudo, em todo o lado, não podemos generalizar. O errado é fazerem do singular, um plural. Temos de mudar das duas partes, porque nós também nos fechamos um bocado.

P. Para terminar, quais são os teus objetivos para o futuro?

Quero que todo este percurso, que eu e os meus colegas a nível nacional, os ativistas ciganos, seja um percurso normal para os nossos filhos e netos. Que se eles quiserem ir para a universidade, vão. Há 50 anos, a mulher portuguesa era submissa. Mas houve uma maluca que começou a vestir calças, houve uma maluca que começou a estudar. Foi muito criticada, mas hoje é impensável uma mulher não estudar. Eu costumo dizer que nós, os ciganos portugueses, estamos atrasados 50 anos no tempo. Eu não consigo mudar o mundo, mas se eu mudar o meu mundo e o mundo dos meus, já estou a fazer muito.